

Jornada de Estudos para Educação OnLIFE: um Relato de Experiência

Studies Journey for OnLIFE Education: an Experience Report

Kári Lúcia Forneck^{1*}
Lucimara Fiorese¹
Erika Luíse Benini¹

¹ Universidade do Vale do Taquari –
Univates. Av. Avelino Talini – Lajeado
– RS – Brasil.

*kari@univates.br

Resumo

A educação em tempos contemporâneos vem requerendo dos professores adaptações, considerando a inserção de Tecnologias Digitais (TD) em suas práticas de ensino. Para isso, é importante oportunizar contextos de formação continuada de professores para o uso de TD em sala de aula. Considerando esse cenário, o presente estudo relata a experiência de uma jornada de estudos acerca do uso de Tecnologias Digitais, para o desenvolvimento da educação onLIFE e do letramento digital. Assim, num primeiro momento, apresenta-se a execução da Jornada de Estudos: Ensino, Linguagens e Tecnologias, desenvolvida para discutir temáticas relevantes ao uso de TD em contextos de aulas remotas; num segundo momento, são apresentadas percepções dos professores participantes acerca da experiência formativa, obtidas por meio de formulários on-line. O conteúdo das respostas foi analisado a partir de uma aproximação com a Análise Textual Discursiva, em que emergiram três categorias: “a formação continuada e os desafios da tecnologia”, “vivemos em tempos de conexão?!” e “a prática docente em tempos de hiperconexão: leitura e escrita em ambientes digitais”. Como resultados, podem ser destacadas a) a necessidade de aprofundar discussões sobre a presença ou ausência de Tecnologias Digitais em sala de aula, b) a importância de oportunizar formações continuadas conectadas com as Tecnologias Digitais; c) o uso de tecnologias em sala de aula, como percepção da educação onLIFE, que se dá por meio de plataformas, recursos e ferramentas digitais que são percebidas pelos docentes como contribuições de aulas hiperconectadas que promovem letramento digital.

Palavras-chave: Educação onLIFE. Formação continuada. Letramento digital. Tecnologias digitais.



Recebido 24/05/2022
Aceito 13/07/2022
Publicado 14/07/2022

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABNT: FORNECK, K. L.; FIORESE, L.; BENINI, E. L. Jornada de Estudos para Educação OnLIFE: um Relato de Experiência. *EaD em Foco*, v. 12, n. 2, e1754, 2022. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v12i2.1754>

Studies Journey for OnLIFE Education: an Experience Report

Abstract

Education in contemporary times has required adaptations from teachers, considering the insertion of digital technologies (DT) in their teaching practices. For this, it is important to provide contexts of continuing teacher education for the use of DT in their classrooms. Considering this scenario, the present study reports the experience of a journey of studies about the use of digital technologies, for the development of onLIFE education and digital literacy. Thus, at first, we present the execution of the Study Journey: Teaching, Languages and Technologies, developed to discuss topics relevant to the use of DT in remote classroom contexts; secondly, perceptions of the participating teachers about the training experience are presented, obtained through on-line forms. The content of the responses was analyzed based on an approach to Discursive Textual Analysis, in which three categories emerged: "continuing education and the challenges of technology", "do we live in times of connection?!" and "teaching practice in times of hyper connection: reading and writing in digital environments". As a result, can be highlighted a) the need to deepen discussions on the presence or absence of digital technologies in the classroom, b) the importance of providing opportunities for continuing education connected with digital technologies; and c) the use of technologies in the classroom, as a perception of onLIFE education, which takes place through platforms, resources and digital tools that are perceived by teachers as contributions of hyperconnected classes that promote digital literacy.

Keywords: OnLIFE education. Continuous training. Digital literacy. Digital technologies.

1. Introdução

A necessidade de adaptação aos novos contextos da educação demanda a formação de professores ampliada e direcionada às Tecnologias Digitais. As distâncias físicas exigidas em tempos pandêmicos provocaram uma mudança de paradigmas e entendimentos também sobre as práticas da formação continuada. Assim, incorporam-se e ampliam-se as dinâmicas de formação docente com uso de recursos tecnológicos e para uso da tecnologia em sala de aula.

Na contemporaneidade, a tecnologia acabou sendo incorporada ao ecossistema educacional, tornando-se parte dos paradigmas das relações pedagógicas. Falar em educação digital é reconceitualizar os processos de ensino e aprendizagem, considerando uma realidade hiperconectada, em que homem, máquina e natureza se (con)fundem numa interação ecossistêmica.

Neste contexto, busca-se contribuir com a construção ecossistêmica dessa educação mediada pelo digital, considerando a formação continuada de professores em ambiente digital e com exploração de ferramentas digitais. Assim, foi realizada a *Jornada de estudos: ensino, linguagens e tecnologias*, em cinco encontros de 1 hora e 30 minutos cada, em que foram abordadas temáticas sobre educação onLIFE, letramento digital, recursos para o ensino e avaliação da escrita em contextos digitais e processos de interação mediados por plataformas digitais. Ao final dos encontros, os participantes responderam a questionários digitais com questões abertas, em que se posicionaram acerca da experiência vivenciada. A partir das

respostas desses questionários se constrói este estudo.

Pautado nessa contextualização, portanto, este artigo objetiva relatar a experiência de uma formação continuada *on-line* para o uso de Tecnologias Digitais numa perspectiva da educação *onLIFE* de Schlemmer e Moreira (2020).

O presente artigo é estruturado em oito partes. Primeiramente, traz uma compreensão introdutória sobre esta pesquisa. No segundo momento, são estruturados os aportes teóricos, versando acerca de premissas sobre a) formação continuada de professores, com base em autores de referência no tema, como Nóvoa (2019; 2020), Tardif (2014), Junges, Ketzler e Oliveira (2018) e Costa e Vasconcelos (2019); b) Tecnologias Digitais, permeando o contexto da educação *onLIFE* e o letramento digital, com aporte de autores como Schlemmer e Moreira (2020), Kenski (2010), Ribeiro (2017), Dudeney, Hockly e Nicky (2016) e Coscarelli (2017). O terceiro momento apresenta o desenvolvimento da Jornada de Estudos, apontando o caminho percorrido na formação desenvolvida em plataformas digitais e a metodologia utilizada nesta pesquisa. A terceira seção subdivide-se, ainda, em três temas de discussão fundamentados nas respostas dos docentes que participaram da *Jornada de Estudos* apresentando a perspectiva dos docentes diante das tecnologias e seus possíveis usos na prática docente. Por fim, apresentam-se as conclusões desta pesquisa.

2. A formação continuada de professores para uma educação *onLIFE* e para o desenvolvimento do letramento digital

A docência envolve uma diversidade de saberes, em que o professor se utiliza de ambientes diversificados e plurais, afinal este ator da sala de aula conhece o saber-fazer, os saberes curriculares, dos livros didáticos e programas, o saber dos componentes curriculares ensinados, o saber da experiência profissional e os elementos de saber de sua formação (TARDIF, 2014).

Nessa perspectiva, apontar caminhos de formação continuada envolve compreender o saber docente e apropriar-se dos paradigmas que versam a educação contemporânea. Nóvoa (2003) esclarece que a concepção de mundo e de natureza evolui, valorizando-se novas soluções, criatividade e autonomia. O autor enfatiza que as reflexões epistemológicas e metodológicas envolvem estudos que ampliam e aprofundam a percepção sobre problemas e sujeitos, questionando a prática de ensino e a formação docente sob uma visão multifacetada, pois esta envolve diversos contextos, como o fazer docente, o espaço de sala de aula, o ambiente, os meios sociais e o acontecimento no tempo. Tardif e Lessard, por sua vez, afirmam que:

[...] a formação para a profissão docente está em plena transformação. Não só os paradigmas clássicos dão lugar a novos paradigmas, mas os fundamentos epistemológicos das práticas pedagógicas e didáticas estabelecidas são sistematicamente questionados, tanto no plano do programa quanto no da formação inicial e contínua para a formação docente. (TARDIF; LESSARD, 2008, p. 184).

Ademais, na contemporaneidade, dada a complexidade de cenários, contextos, sujeitos e agentes, fatores de compreensão e flexibilização deveriam ser preponderantes para a prática docente, de maneira a inserir o indivíduo na sociedade, oportunizando-lhe condições de agir e modificar o meio em que vive e preparando-o para ter autonomia e cidadania (JUNGES; KETZER; OLIVEIRA, 2018).

Adaptar programas ao cotidiano da educação e avançar em estudos que investiguem e incentivem o uso de Tecnologias Digitais na educação é, portanto, uma realidade imediata, a qual deve ser enfrentada e explorada de maneira a envolver e incentivar a busca por saberes que condizem com o cotidiano vivido

pelos discentes (COSTA; VASCONCELOS, 2019). Assim, como argumenta Nóvoa (2019), é necessário pensar em um novo ambiente para a formação profissional docente com práticas consistentes e inovadoras com acesso a novas ideias, métodos e culturas, mas sem desconsiderar as dificuldades enfrentadas pelos professores, as condições das escolas e as teorias e modelos que não existem nas escolas.

Nesse cenário, a formação continuada, entendida como um lugar de encontros de pensamentos, de reflexões, de críticas, de compartilhamentos, de ideias, de saberes e de experiências, pode se configurar um lugar para o olhar sobre a prática docente. Nóvoa (2019; 2020) enfatiza que é preciso criar condições para a participação docente nesta metamorfose escolar, criando um ambiente de colaboração coletiva, sendo que na pandemia percebeu-se a capacidade de inventividade dos profissionais da docência, realizando um trabalho de colaboração entre professores, alunos e famílias, mesmo com as respostas frágeis dos governos e das escolas.

O comprometimento docente diante das adversidades da pandemia permite reconhecer a importância deste profissional no seio social e também abre portas e janelas para repensar a sala de aula, considerando a urgência de investimentos em tecnologias e na construção de formação continuada que possibilite uma integralização da tecnologia, dos professores e dos alunos. Por isso, compreender a inserção da educação *onLIFE* e do letramento digital no contexto escolar é um processo proeminente na relação entre professores e alunos em sala de aula no âmbito da inserção tecnológica.

O surgimento de Tecnologias Digitais (TD) foi um marco importante para a sociedade. De acordo com Kenski (2010), as TDs adentram a vida das pessoas de modo a ampliar suas memórias e garantir novas possibilidades que ofereçam bem-estar. As tecnologias, também, se inserem no ambiente escolar e podem induzir profundas mudanças na organização do ensino (KENSKI, 2010). Nesse sentido, a autora afirma que

Para que as TICs¹ possam trazer alterações no processo educativo, no entanto, elas precisam ser compreendidas e incorporadas pedagogicamente. Isso significa que é preciso respeitar as especificidades do ensino e da própria tecnologia para poder garantir que o seu uso, realmente, faça diferença. (KENSKI, 2010, p. 23).

Assim, vê-se a necessidade de pensar nas TD não somente como um recurso a ser utilizado em sala de aula, mas como uma fonte de conhecimento e de aprendizagem. Portanto, é importante pensar em uma educação *onLIFE*. Schlemmer e Moreira (2020) afirmam que com o processo de digitalização atual, surge um novo modo de conexão planetária. Nesse sentido, o termo *onLIFE* surge para referir-se à realidade conectada, em que não faz sentido indagar se as pessoas estão *on-line* ou *off-line* (SCHLEMMER; MOREIRA, 2020).

A educação *onLIFE*, portanto, compreende uma educação que se dá a partir de relações em rede, entre humanos e não humanos (SCHLEMMER; DI FELICE; SERRA, 2020). Assim,

[...] a complexidade que implica o entendimento entre humanos, máquinas e ambiente, não pode ser planejada, por outro lado, não pode ser deixada à deriva, de forma espontânea, mas sim, precisa nos instigar a repensar os processos de ensino e de aprendizagem na construção de uma Educação *OnLIFE*. (SCHLEMMER; DI FELICE; SERRA, 2020, p. 19)

1 Para a autora, a sigla TIC refere-se a Tecnologias da Informação e Comunicação. Há outros autores que preferem TDIC, inserindo o termo 'digital' à sigla. Nesta pesquisa, assumimos o termo Tecnologias Digitais e a sigla TD, por entendermos que essa acepção é mais ampla e abarca todas as demais.

Nesse sentido, cabe à escola pensar na complexidade da nova conexão planetária que surge a partir desta sociedade hiperconectada. Ao refletir sobre essas novas relações existentes, em que humanos interagem com não humanos, em que máquinas são mais do que máquinas, pois são alimentadas pela inteligência artificial, em que não existe *on-line* nem *off-line* e em que o mundo pode ser visto a partir de uma tela, a escola precisa repensar suas ações pedagógicas.

Uma maneira de repensar a educação é partir do pressuposto de que os estudantes precisam ser letrados digitalmente. Para isso, é essencial que o usuário das redes domine os gestos e as técnicas de ler e de escrever em ambientes digitais (RIBEIRO, 2017). De acordo com Coscarelli e Kersch(2016), a leitura em ambientes digitais exige que o leitor seja capaz de fazer uma boa navegação e tenha boas estratégias de compreensão, pois o leitor precisa saber lidar com hipertextos e com textos multimodais. Nesse sentido, Pereira (2017) afirma que é necessário dominar as tecnologias de modo que, mais que buscar informação, os leitores sejam capazes de produzir conhecimento.

Para isso, nesses novos tempos, é preciso que o professor não só saiba ler em ambientes digitais, mas que consiga ensinar estratégias de leitura para seus alunos, de modo que eles tragam seus conhecimentos e os aprimorem (COSCARELLI, KERSCH, 2016). Portanto, como aponta Coscarelli (2017), é preciso que os alunos usem a informática, não que tenham aula de informática.

Dudenev, Hockly e Nicky (2016) também sugerem que o trabalho com o letramento digital pode ser feito a partir de quatro focos. O primeiro foco é a linguagem, de modo a trabalhar com a leitura e a escrita nos ambientes virtuais; o segundo é o da informação, que preza o trabalho com habilidades de acesso, avaliação e administração das informações disponíveis na internet; o terceiro foco de trabalho se pauta nas conexões, em que se deve pensar e se didatizar sobre as conexões criadas em rede; o quarto e último foco é o do (re)desenho, no qual se trabalha com a remixagem de conteúdos já existentes na internet.

A partir dos quatro focos de trabalho apresentados por Dudenev, Hockly e Nicky (2016), vê-se que trabalhar com o letramento digital é mais que ensinar a ler um texto, é ensinar a ler um texto com uma linguagem da internet, é saber selecionar informações e é saber criar e compreender conexões da rede. Além disso, é sabido que a internet é palco para colaboração e remixagem, de modo a ampliar a própria produção de textos do aluno.

Por fim, é importante destacar uma passagem de Coscarelli (2017), que diz:

Ideias para usar a informática como recurso de ensino-aprendizagem e formas de fazer isso é o que não falta. O que precisamos fazer é acreditar que a escola pode ser diferente, divertida, que ela não é o lugar de informações prontas, nem de verdades absolutas. Ela é o lugar de construir, questionar, pensar, enfim, colocar em prática a velha história de aprender a aprender. (COSCARELLI, 2017, p. 39).

Portanto, é importante que a educação preze pela utilização das TD para ampliar o conhecimento dos alunos. Em uma perspectiva de educação *onLIFE*, vê-se a necessidade de haver um professor que consiga atender este novo aluno, que já nasce hiperconectado. Para isso, o trabalho com o letramento digital é uma possibilidade de ver esta nova escola: diferente, conectada e questionadora. Um paradigma desse tipo só se constrói com espaço de discussão, reflexão e interação, entre professores, inclusive. Uma das maneiras de realizar espaços desse tipo é a concretização de contextos de estudo em formação continuada de professores. Na próxima seção, apresentaremos um relato de uma experiência desse tipo.

3. Jornada de Estudos: percepções e tangenciamentos

Considerando a necessidade de se constituir um espaço de discussão plural, em que temas do ensino da linguagem em contextos digitais, sob a perspectiva da educação *onLIFE* fossem abordados, concebeu-se a proposta aqui apresentada. A *Jornada de estudos: ensino, linguagens e tecnologias* foi elaborada pelo Grupo de Trabalho Ensino, Linguagens e Tecnologias (ELT), um dos grupos de trabalho que integram a pesquisa *Ensinar da infância à idade adulta: olhares de professores e de alunos*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari - Univates. A Jornada ocorreu virtualmente e foi dividida em 5 encontros. Além dos encontros, que ocorreram em quintas-feiras, de setembro a novembro, com duração de 1 hora e 30 minutos, utilizou-se a plataforma Google Sala de Aula para compartilhamento de materiais de apoio que foram disponibilizados aos participantes. Cada participante poderia optar em participar de todos os encontros ou somente daqueles cuja temática lhe despertasse interesse.

No primeiro encontro, denominado de *Tecnologias na Educação onLIFE: que história é essa?*, foram abordadas as perspectivas sobre o uso de tecnologias em um contexto pandêmico e pós-pandêmico, em que aulas na modalidade presencial se misturam com aulas virtualizadas, bem como atividades virtualizadas são planejadas para aulas presenciais. Além disso, discutiu-se o papel da escola em uma sociedade digital, pautando as reflexões sobre o ecossistema de aprendizagem (MOREIRA *et al.*, 2020).

O encontro seguinte foi chamado de *Letramento digital, multimodalidade e organizações de conteúdo em plataformas digitais*, em que houve a discussão de concepções de letramento digital, pautada em Rojo e Moura (2019) e de multimodalidade, pautada em Kress (2010), além de refletir acerca de e interagir com o aplicativo *Padlet* como ferramenta de organização de conteúdo *on-line*.

No terceiro encontro, *Produção de textos em ambientes digitais a partir do gênero fanfic*, abordou-se a produção escrita do gênero fanfic (FRONCKOWIAK *et al.*, 2021). Os participantes puderam experimentar uma prática de escrita colaborativa em ambiente digital.

O quarto encontro foi denominado de *(Re)textualização na prática de gêneros textuais no ensino da Língua Portuguesa: o uso do Storyboard That*. Nesse encontro, abordou-se a retextualização de gêneros textuais como prática de ensino da escrita na escola (MARCUSCHI, 2001; MOURA, 2016). Houve uma prática de criação de narrativas no aplicativo *Storyboard That*, uma plataforma digital que permite a produção de histórias em quadrinhos integrada às práticas escritas na escola.

O último encontro, chamado de *Avaliação de textos em ambientes digitais: uso de bilhetes orientadores e códigos de correção*, foi direcionado para o estudo e a prática de avaliação de textos em ambientes digitais (BAZARIN; CAIADO, 2021; RUIZ, 2018). Os participantes puderam conhecer práticas de correção de textos por meio de códigos de correção desenvolvidos para uso na plataforma virtual *Moodle*.

A fim de avaliar o percurso trilhado, esta investigação explorou as contribuições dos docentes que participaram da Jornada de Estudos, no intuito de compreender sua percepção a respeito da experiência de formação continuada e do uso de Tecnologias Digitais em sala de aula. Caracterizado como estudo de caso (YIN, 2004), uma vez que as reflexões a seguir apresentadas contêm percepções de um grupo de pessoas específico a respeito de um aspecto também específico (PRODANOV; FREITAS, 2013), o percurso investigativo se deu a partir da análise de material textual decorrente da aplicação de cinco questionários não estruturados disponibilizados aos participantes pelo Google Formulário, na plataforma do Google Sala de Aula e no *Chat* de conversas do Google *Meet* em cada encontro. As questões versaram sobre os temas propostos nas Jornadas e as contribuições para a prática docente e formação dos professores. Para responder às questões, os participantes tinham de consentir com sua participação por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que era disponibilizado no início de cada questionário. Ao todo foram obtidas 39 (trinta e nove) participações. Participaram desta ação de pesquisa professores em formação e professores diplomados que atuam em diferentes níveis de ensino, advindos de escolas públicas

e privadas de diferentes partes do país. Pelas respostas obtidas, verificou-se que os professores tinham experiências distintas no uso das Tecnologias Digitais em suas práticas de ensino, configurando, portanto, uma amostra heterogênea.

Para a análise de dados, foi proposta uma aproximação à técnica de Análise Textual Discursiva, de Moraes e Galiazzi (2020), a qual organiza o percurso de análise em quatro focos: a) a desmontagem do texto por meio de um processo de unitarização; b) o estabelecimento de relações por meio da categorização que congrega as unidades da etapa anterior que tenham carga semântica semelhante; c) a captação do novo texto emergente desenvolvido por meio da crítica, reflexão e validação das análises; d) o processo auto-organizado em que emergem compreensões, ou seja, em que se apresentam os resultados finais não previstos, criativos e originais.

As respostas descritas pelos participantes foram agrupadas em único documento, lidas com atenção e delas emergiram as categorias de análise. Para fins de organização, os excertos apresentados foram nomeados pelas letras C, para representar as três categorias C1, C2 e C3, e E, para representar os excertos vinculados a cada categoria: E1, E2, E3 e assim por diante. Dessa organização, chegou-se a três categorias: “a formação continuada e as tecnologias” (C1), “vivemos em tempos de conexão?!” (C2) e “leitura e escrita em ambientes digitais” (C3), as quais são detalhadas a seguir.

3.1 A formação continuada e as tecnologias

É imperativo considerar que a formação continuada docente busca estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, a qual visa melhorar a qualidade do sistema de ensino. Por essa razão, os docentes apropriam-se de ambientes inventivos, reorganizando e construindo espaços de vivência coletivos em que acontece a cooperação e diversidade da metamorfose escolar (NÓVOA, 2020). Considerando os aspectos que norteiam a formação continuada de professores, percebeu-se entre os docentes que esta é uma constante profissional, que não é percebida como uma imposição normatizada, mas como uma prática que oportuniza saberes, oportunidades, conhecimentos e construções conjuntas de discussões:

- C1E1: Para melhorar tanto minha prática docente.
- C1E2: [...] oportunidade de ampliar meus conhecimentos.
- C1E3: Necessidade de me atualizar, conhecer novas maneiras de trabalhar [...].
- C1E4: Busca por estratégias para trabalhar com alunos e atualização.
- C1E5: [...] aperfeiçoar e buscar conhecimento.

Entende-se que promover a formação continuada de docentes requer a busca por uma pluralidade de saberes. Na contemporaneidade, importante destacar, esses saberes têm elo com a tecnologia, ainda mais em contexto de aulas virtualizadas decorrentes do estado pandêmico. Nóvoa (2020) enfatiza que a transição da sala de aula física para a virtual aconteceu de maneira surpreendentemente repentina e deixou claro que esta mudança é possível. Na Jornada, fica evidente o interesse docente no aprofundamento de conhecimentos e métodos para uso de meios tecnológicos no ambiente escolar, como se transcreve:

- C1E6: Estudar cada vez mais sobre as tecnologias.
- C1E7: [...] incrementar conhecimentos das tecnologias.
- C1E8: A busca por novos conhecimentos e a possibilidades de aprender a utilizar as ferramentas digitais de ensino.
- C1E9: Na grandiosidade dos meios digitais, precisamos estar preparados. Corroboro que o diálogo é um dos melhores caminhos para trocar informações e também repassar. [...] Mas sim, reforçar que nos momentos de estudos de pesquisa e grupo, a troca de informações

acontece em todo momento. E esse é um local interessante de se aprender mais.

Neste contexto, Nóvoa (2020) aponta que a pandemia acelerou o que muitos autores vinham assinando há vários anos: é preciso abrir um novo tempo na vida escolar, ao que Costa e Vasconcelos (2019) contribuem apontando que o uso das tecnologias está cada dia mais incorporado às estratégias e tendências de ensino. Assim, a construção da *Jornada de Estudos* reconhece que a tecnologia faz parte do ecossistema educacional, e esta percepção é enfatizada pelos participantes da jornada:

C1E10: [...] pela melhoria da prática docente com vistas às tecnologias que auxiliam o ensino”.

C1E11: [...] fornecer aos professores formação continuada na área de TDIC's para que conheçam outras dinâmicas que estimulem os alunos a construir novos conhecimentos.

C1E12: [...] as possibilidades de uso de ferramentas.

Ao mesmo tempo em que há interesse docente sobre o uso de tecnologia em sala de aula, percebe-se que será preciso maior engajamento na oferta de formação continuada que possibilite treinamentos aprofundados sobre o tema, afinal, os participantes afirmaram que é necessário C1E13: “[...] um treinamento para usar algumas [tecnologias]”, porque há, como se vê em C1E14, “falta de conhecimento de alguns professores em tecnologia”.

Neste viés, Tardif e Lessard (2008) já afirmavam que os docentes têm consciência das necessidades de melhorar suas práticas em sala de aula, buscando equilibrar o ensino e a aprendizagem com o mundo tecnológico, vivenciado de forma constante por seus alunos, considerando estes nativos digitais que nasceram no mundo efetivamente conectado e tecnológico. E Nóvoa (2020, p. 10) enfatiza que, “face à dimensão dos problemas e aos desafios atuais da educação precisamos, mais do que nunca, reforçar as dimensões coletivas do professorado”, é necessário completar a formação continuada dos professores promovendo uma realidade partilhada e uma reflexão conjunta. A fim de aprofundar a percepção dos participantes da Jornada, a próxima categoria busca entender a existência de conexão no ambiente escolar.

3.2 Vivemos em tempos de conexão?!

Schlemmer e Moreira(2020) enfatizam que a educação *onLIFE* envolve uma relação construída em rede, em que homem e máquina se (con)fundem. Há, porém, desafios a serem superados nas escolas, como a falta de recursos digitais, conexão e investimento em equipamentos, visto que os participantes da jornada argumentam que:

C2E1: Nas escolas públicas, vejo como um grande desafio a ser superado, vistos os poucos investimentos nesta área especialmente em tecnologia, falta de acesso de muitos alunos.

C2E2: Ainda não [usa recursos digitais], por causa da conexão na escola.

C2E3: [...] acesso às Tecnologias Digitais fora da sala de aula, entre outros desafios.

C2E4: [Falta de] infraestrutura (acesso a Internet nas escolas) para realização das atividades

C2E5: [Falta de] equipamentos tecnológicos e uma boa conexão.

C2E6: [...] dificuldades com acesso a conexão de internet de qualidade, computadores e etc.

C2E7: Outra questão são as próprias ferramentas tecnológicas. Embora eu trabalhe em escolas particulares, vejo que os computadores são defasados (uns não ligam, outros não têm conexão, etc.).

As ferramentas tecnológicas são percebidas como integrantes da prática docente. Fala-se em compreender e incorporar as TD no processo educativo (KENSKI, 2010), porém fica evidente que há um descompasso dessa necessidade com a realidade, a infraestrutura e a qualidade de *hardwares* e *softwares*, bem como, a falta de conexão, sendo todas problemáticas reais na perspectiva docente. Com base nos dados do Censo Escolar 2020, Ferrari (2021) aponta que a oferta de equipamentos tecnológicos na rede municipal tem percentual de 52,7%, ainda:

Quando se trata do ensino fundamental, a rede escolar dos municípios, maior ofertante nessa etapa de ensino, é a que tem a menor capacidade tecnológica. Nesse caso, 9,9% das escolas possuem lousa digital, 54,4% têm projetor multimídia, 38,3% dispõem de computador de mesa, 23,8% contam com computadores portáteis, 52,0% possuem internet banda larga e 23,8% oferecem internet para uso dos estudantes. [...]

Na rede estadual, que tem a maior participação na oferta do ensino médio, 80,4% das unidades têm internet banda larga e o percentual de computadores de mesa para alunos é de 79,3%.(FERRARI, 2021, texto digital).

Essa problemática estrutural pode ser fator que contribui para a própria relutância dos docentes com a tecnologia, como se destaca nos relatos de professores a respeito das dificuldades com o uso das tecnologias.

C2E8: Vejo que os professores ainda não estão cientes de sua importância [das tecnologias], pois já estão conectados, já fazemos parte do ecossistema digital, no entanto os professores ainda não conseguem lidar com o cenário de hiperconectividade.

C2E9: O primeiro desafio está com o professor: conhecer as tecnologias, apropriar-se, ter acesso, motivar os alunos a usá-las.

C2E10: [...] dominar as tecnologias, tenho muito a aprender....

E ainda há alunos com limitações de acesso à tecnologia:

C2E11: Nem todos os alunos têm acesso à Internet e a Internet nem sempre é amigável para quem está acessando de recursos limitados, como um celular com a tela quebrada ou um computador com pouca RAM ou ainda, sem o Office.

C2E12: Neste momento não [usa recursos digitais]; a maior parte de alunos de periferia e alunos indígenas encontram dificuldades ao acesso.

Ao se pensar em toda a evolução tecnológica vivenciada e experienciada, ainda há debates que surgem desse contexto: realmente vivemos em tempos de hiperconectividade? Como se percebeu nos relatos, ou por relutância e medo, ou por falta de recursos e estrutura, a tecnologia ainda não escalou o ambiente escolar na mesma velocidade que os referenciais teóricos abordam essa integração.

Mesmo assim, percebe-se que os docentes, de alguma forma, incluíram as tecnologias nas estratégias de ensino.

C2E13: Como um processo demorado, mas necessário devido às mudanças tecnológicas que estamos vivendo.

C2E14: [...] existem alguns aplicativos que podem ser utilizados de maneira off-line, caso a internet não colabore.

C2E15: [...] aproveitar as TDIC para dar dinamicidade e movimento.

C2E16: Usando a ferramenta digital.

Aqui se aborda a complexidade da educação *onLIFE* de Schlemmer, Di Felice e Serra (2020), que enfatizam a realidade hiperconectada, em que as ferramentas tecnológicas adentram na sala de aula para contribuir para a construção do conhecimento. Porém, nota-se que esse movimento ainda não é integralizado na sala de aula, uma vez que as Tecnologias Digitais ainda são percebidas apenas como um suporte pedagógico. Nesse sentido, Nóvoa (2020) enxerga muitos futuros possíveis, considerando o movimento tecnológico da pandemia e a necessidade de investimento em tecnologia para atender a educação. Mas, ainda segundo o autor, é difícil escrever o futuro ao mesmo tempo em que há uma transformação profunda na escola.

Diante do exposto, pode-se considerar que não basta instituições incentivarem o uso das Tecnologias Digitais na educação. É preciso que haja a contrapartida da estrutura adequada no ambiente escolar para que seja possível dominar a movimentação tecnológica no ambiente escolar, de forma a entender como é trabalhada a tecnologia em sala de aula. Apesar dos problemas emergentes, algumas práticas docentes efetivadas no ambiente educacional, podem contribuir para a implantação, futura, da educação *onLIFE*, da hiperconexão e do letramento digital.

3.3 Leitura e escrita em ambientes digitais

A prática docente em tempos de hiperconexão deve levar em consideração o uso das TD de uma maneira que façam a diferença (KENSKI, 2010). Para isso, a autora afirma que elas precisam ser compreendidas e incorporadas nas práticas docentes. Nesse sentido, é importante ver as Tecnologias Digitais como ferramentas que geram novas possibilidades de ensino e de aprendizagem. Um dos participantes afirmou sobre a jornada: C3E1: “[...]acredito que os meios digitais e o ensino presencial misturam-se e conectam-se proporcionando aos alunos conhecimentos mais diversificados”.

Assim, cabe pensar no trabalho com leitura e escrita em ambientes digitais na sala de aula, uma maneira de letrar os alunos digitalmente (RIBEIRO, 2017). Para isso, mais do que aprender a digitar ou a usar as TD, é preciso que a escola trabalhe com a linguagem da *internet*, com a busca por qualidade de informação, com a compreensão e criação de conexões *on-line*, e com a capacidade de remixar conteúdos já existentes (DUDENEY; HOCKLY; NICKY, 2016).

Nessa perspectiva, os docentes citaram o trabalho com gêneros digitais em sala de aula, a produção de textos em ambientes digitais e as TD como ferramenta de busca de informação. Quanto ao trabalho com gêneros digitais, uma participante afirmou: C3E2: “Espero ser uma professora que incentive e respeite os gêneros digitais que meus alunos lerem”.

A resposta da participante considera o conhecimento dos alunos sobre gêneros digitais como algo a ser respeitado. Desse modo, cabe pensar na perspectiva de uma educação *onLIFE*, que considera esta nova sociedade, hiperconectada. A partir dessa visão, alguns participantes da pesquisa citaram possibilidades de trabalho com gêneros digitais.

C3E3: Através de um projeto de incentivo à leitura, o professor poderia eleger um ou mais livros mais lidos pela turma e propor o trabalho com fanfics. Talvez criar um blog da turma e dividir tarefas entre os alunos como escrita, revisão, formatação...

C3E4: [...] retextualizar notícias em tweets pode ser bem interessante, sem perder a informatividade, mas com número de caracteres limitado.

C3E5: Havendo disponibilidade tecnológica utilizo o Google Docs (preferencialmente) ou o envio por word e ali utilizo o “controle de alterações” que marca os pontos alterados e também as “caixas de comentários”.

C3E6: Acredito que é possível aplicar todas as possibilidades apresentadas (fanfic, storyboardthat, etc.). Existem inúmeras formas de adaptar diversos meios tecnológicos no ambiente escolar, apenas precisamos estar abertos e usar a criatividade.

C3E7: [...] eu adoro o padlet, mas não tinha me aventurado a usá-lo em substituição às ferramentas tradicionais como o ppt.

Nas respostas dos participantes, foi possível perceber possibilidades de trabalho com *blog*, *tweets*, *googledocs*, *fanfic*, *storyboardthat* e *padlet*. Os recursos citados são gêneros textuais digitais ou aplicativos. A partir disso, lembra-se de Coscarelli (2017), que diz que existem diversas ideias para o uso das Tecnologias Digitais na sala de aula, mas o que realmente é necessário é pensar em uma escola diferente e emancipadora.

Além disso, um docente citou o trabalho com recursos e ferramentas multimodais, característicos da internet. De acordo com o docente:

C3E8: Os recursos/ferramentas multimodais alargam a potencialidade do ensino e as possibilidades de aprendizagem, agindo diretamente em subsunçores (conhecimento prévio) dos estudantes, e reforçando a “fixação” dos conteúdos apresentados. Posso citar como exemplo: os vídeos, as imagens em 3D, aplicativos que simulam situações que não podem ser vivenciadas na sala de aula.

Nesse sentido, vê-se o uso de textos multimodais em sala de aula como uma prática potencializadora. Além disso, foram citadas algumas maneiras com que podem ser utilizados. A seguir, a afirmação de outro docente:

C3E9: Os textos multimodais compostos por muitas linguagens exigem a ocorrência de multiletramentos para a sua compreensão, havendo a necessidade de práticas de compreensão e produção para significar. Com isso, os multimodos aliados ao processo de letramento digital dão uma nova perspectiva ao processo de leitura, produção e socialização das produções.

A partir desta resposta, percebe-se que trabalhar com gêneros multimodais pode ser uma maneira de letrar os alunos digitalmente, pois é possível ressignificar as práticas de compreensão e produção de textos com o uso de multimodos, além de possibilitar o contato com diferentes práticas multiletradas. Dessa maneira, corroborando com Kenski (2010), percebe-se o uso das TD incorporadas pedagogicamente, com objetivos propostos, não somente como meras ferramentas.

Quanto à produção de textos em ambientes digitais, especificamente, os participantes da pesquisa ava-

liam como uma forma possível e bastante positiva. Os docentes citam que é uma maneira mais atraente de trabalhar com os alunos, além de ser necessária na contemporaneidade.

C3E10: Muito positiva, e certamente dá muito certo, pois as metodologias ganham uma nova roupagem, deixando mais atraente e dentro das perspectivas dos alunos digitais.

C3E11: Eu percebo a produção de textos em ambientes digitais na sala de aula como uma necessidade da atualidade para atender os alunos que vivem na cultura digital.

C3E12: Os ambientes digitais são espaços ricos que possibilitam estratégias variadas para proporcionar o ensino e a aprendizagem de habilidades e competências.

Com as respostas dos docentes, percebe-se uma prática que corrobora com a educação *onLIFE*, apresentada por Schlemmer e Moreira (2020) e Schlemmer, Di Felice e Serra (2020), pois os docentes veem os alunos integrados à cultura digital.

Por fim, é importante pensar na habilidade de seleção e de avaliação de informações, citada por Dudeney, Hockly e Nicky (2016). Nesse sentido, mais do que obter informação e conhecimento, os alunos devem saber pesquisar. Uma participante afirmou:

C3E13: Já trabalho o desenvolvimento de estudos no ambiente digital, Brainstorming com uso de Nearpod para 'estalos' de pesquisa, desenvolvimento de trabalhos no Google Docs, jogos digitais empresariais, Google formulário para levantamento de pesquisas, entre outros.

Com essa afirmação, percebe-se que o docente preza pelo letramento digital de seus alunos. Mais do que ensiná-los a pesquisar, ele usa diferentes ferramentas digitais e apresenta diversas práticas de leitura e de escrita na internet.

Assim, a partir das respostas obtidas, é possível perceber que os docentes veem o trabalho em ambientes digitais como uma possibilidade. Além disso, vê-se que entendem a importância do trabalho com textos multimodais e que pensam na produção escrita em ambientes digitais como uma necessidade e como uma maneira de aproximar-se dos alunos que vivem em uma cultura hiperconectada, a fim de desenvolver o letramento digital.

4. Considerações finais

Ao final das discussões suscitadas neste texto, é importante ressaltar que a *Jornada de estudos: ensino, linguagens e tecnologias* cumpriu com o objetivo de se constituir um espaço de discussão sobre o uso de tecnologias para o desenvolvimento do letramento digital e da educação *onLIFE*.

Pôde-se perceber que a temática das Tecnologias Digitais precisa de maior debate no ambiente educacional, pois os docentes já perceberam e buscam formação que lhes possibilite ter certo *know-how* em tecnologia para desenvolver e construir práticas digitais em sala de aula, a fim de atender a demanda dos alunos do ambiente escolar contemporâneo. Porém, ainda é necessário evoluir em discussões sobre essa temática.

Mesmo que a teoria traga evoluções a respeito de uma nova educação, como a educação *onLIFE*, perce-

beu-se que há barreiras a serem transpostas que envolvem, principalmente, estrutura adequada e conexão para que uma efetiva educação digital seja implantada no ambiente escolar.

Ainda assim, pelas respostas dos participantes, o trabalho com textos multimodais de circulação em contextos digitais vem acontecendo, em especial, pela integração de professores e alunos, considerando e experienciando o uso de *blog*, *tweets*, *googledocs*, *fanfic*, *storyboard that* e *padlet*, *brainstorming*, entendidos como gêneros textuais ou não que contribuem para uma educação *onLIFE* e, também, para que práticas de letramento digital aconteçam em sala de aula.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, cujo financiamento viabilizou este estudo. TO 21/2551-0001492-0.

Biodados



FORNECK, K. L. é professora titular da Universidade do Vale do Taquari - Univates, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Ensino e nos cursos de graduação em Letras e Pedagogia. É doutora em Letras pela PUCRS, com ênfase em Linguística. Seus interesses de pesquisa incluem o ensino da leitura e da escrita mediado por tecnologias digitais. Coordena a pesquisa O ensino da leitura e da produção textual sob a perspectiva da educação *onLIFE* em contexto pedagógico pós-pandemia (FAPERGS SEBRAE/RS 03/2021) de cujas ações resultou este artigo.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5906-4269>

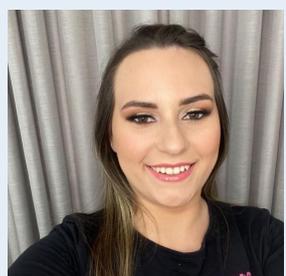
E-MAIL: kari@univates.br



FIGIORESE, L. é mestranda em Ensino (Univates/CAPES). Possui graduação em Secretariado Executivo, especializações em Gestão de Pessoas, em Gestão Administrativa, em Docência do Ensino Superior e em Tecnologias Educacionais e Práticas em Sala de Aula, além de MBA em Finanças. Graduanda em Administração. Atuou como docente em Escolas Privadas de Ensino Técnico e Profissionalizante nas áreas de gestão e saúde. Seus interesses de pesquisa incluem as áreas de gestão, formação de professores e tecnologias digitais na educação.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2219-5326>

E-MAIL: lucimara@universo.univates.br



BENINI, E. L. é estudante de Especialização em Ensino de Língua Inglesa para Crianças na Universidade do Vale do Taquari - Univates. É graduada em Letras pela mesma universidade, tendo atuado, durante sua formação, como bolsista de iniciação científica. Trabalha como professora de inglês e de português na educação básica. Seus interesses de pesquisa incluem letramento digital e gêneros digitais.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7951-5944>

E-MAIL: erika.benini@universo.univates.br

Referências

- BAZARIM, M.; CAIADO, R. V. R. A correlação de textos escolares como prática e como objeto de pesquisa: entrevista com Eliana Donaio Ruiz. **Revista Letras Raras**, Campina Grande, v. 10, n. 2, p. 155-169, mai. 2021.
- COSCARELLI, C. V. Alfabetização e letramento digital. *In*: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2017.
- COSCARELLI, C. V.; KERSCH, D. F. Prefácio: Pedagogia dos multiletramentos: alunos conectados? Novas escolas + novos professores. *In*: KERSCH, D. F.; COSCARELLI, C. Viana; CANI, J. B. (Orgs.). **Multiletramentos e multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem**. Campinas: Pontes Editora, 2016.
- COSTA, N. X. P.; VASCONCELLOS, R. F. R. Proposta para Formação Continuada de Docentes *on-line*. **EAD em Foco**, Rio de Janeiro, v. 9, p. e851, 2019. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v9i1.851>
- DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M.. **Letramentos digitais**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- FERRARI, M. **Pesquisa revela dados sobre tecnologias nas escolas**. Brasília: INEP, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/pesquisa-revela-dados-sobre-tecnologias-nas-escolas>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- FRONCKOWIAK, A. C. *et al.* Experiências com oficinas de produção De fanfics em tempos de pandemia. *In*: FORNECK, K. L. *et al.* (Orgs.). **Linguagens: múltiplos olhares, múltiplos sentidos**. Lajeado: Ed. da Univates, 2021. (v. 7). p. 303-313. Disponível em: https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/344/pdf_344.pdf. Acesso em: 23 ago. 2021.
- JUNGES, F. C.; KETZER, C. M.; OLIVEIRA, V. M. A. Formação continuada de professores: saberes ressignificados e práticas docentes transformadas. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 3, n. 9, p. 88-101, 2018.
- KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. São Paulo: Papyrus, 2010.
- KRESS, G. R. **Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication**. United Kingdom: Taylor & Francis, 2010.
- MARCUSCHI, L. A. **Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2020.
- MOREIRA, J. A.; HENRIQUES, S.; BARROS, D.; GOULÃO, F.; CAEIRO, D. **Educação Digital em Rede: Princípios para o Design Pedagógico em Tempos de Pandemia**. Coleção Educação a Distância e *eLearning*. Lisboa: Edições Universidade Aberta, 2020.
- MOURA, M. R. **Retextualização do conto oral a escrita pela apreciação da palavra**. 2016. 120 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2016.
- NÓVOA, A. A pandemia de Covid-19 e o futuro da educação. **Revista Com Censo**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 8-12, ago. 2020.
- NÓVOA, A. Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 4, n. 3, 2019.
- NÓVOA, A. **Profissão professor**. 2. ed., v. 3, Porto, Portugal: Editora Porto, 2003.
- PEREIRA, J. T. Educação e cidade da informação. *In*: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica Editora, 2017.

- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- RIBEIRO, A. E. Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. **Revista da ABRALIN**, São Cristóvão, v. 8, n. 1, p. 15-38, 2017.
- ROJO, R.; MOURA, E. **Letramentos, mídias, linguagens**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.
- RUIZ, E. D. **Como corrigir Redações na Escola**. São Paulo: Contexto, 2018.
- SCHLEMMER, E.; DI FELICE, M.; SERRA, I. M. R. de S. Educação *onLIFE*: a dimensão ecológica das arquiteturas digitais de aprendizagem. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 36, p. e76120, 2020.
- SCHLEMMER, E.; MOREIRA, J. A. Por um novo conceito e paradigma de educação digital *onLIFE*. **Revista UFG**, Goiânia, v. 20, p. 63438, 2020.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- TARDIF, M.; LESSARD, C. **O ofício professor**: história, perspectivas e desafios internacionais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2004.